

A IRONIA E O HUMOR NO NARRADOR PROTAGONISTA, NA OBRA *LAZARILLO DE TORMES*

Geice Peres Nunes

RESUMO[®]

Este artigo tem como objetivo analisar a ironia e o humor no narrador protagonista da obra **Vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades**. Através desta análise, busca-se explicitar os costumes de uma sociedade que não dá oportunidades às pessoas mais humildes e que, muitas vezes, marginaliza esses indivíduos, vive de aparências e se apóia em valores que são violados. Com base na vivência do protagonista, a obra explicita as falhas de uma sociedade corrompida utilizando-o como um instrumento para revelar isto ao leitor.

PALAVRAS-CHAVE: humor, ironia, Lazarillo.

INTRODUÇÃO

A obra **Vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades**, de autor anônimo, foi publicada em 1554, período correspondente ao “Siglo de Oro” espanhol. Esta obra inaugurou um novo gênero, a novela picaresca, que, segundo ALBORG (1997), é um dos mais representativos, genuíno e popular da história literária espanhola.

1 O pícaro e a novela picaresca

O caráter inovador da novela picaresca está no fato de utilizar um narrador em primeira pessoa e por colocar no centro da narrativa um anti-herói como protagonista.

Conforme GANCHO o anti-herói representa o

Protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto. (2000: 14)

Lázaro é um anti-herói por ser diferente do herói das novelas de cavalaria, carecendo de

virtudes e praticando ações que visam o proveito próprio. Também por não dar importância à própria honra, o que era um valor fundamental conforme o ideal cavalheiresco.

O personagem relata a história de sua vida a uma pessoa tratada como “Vuestra Merced” e por isso o que é contado está exposto pela visão do próprio narrador que, por ser em primeira pessoa, possui uma visão limitada, já que não tem acesso ao estado mental dos demais personagens, age como um crítico de si mesmo e mantém uma proximidade com o leitor.

Segundo a visão de ALBORG, o pícaro se apresenta na forma de

Un personaje nacido en los bajos fondos de la sociedad, sin oficio determinado, criado de muchos años, hombre de cortos escrúpulos y vida irregular. Dado a la holgazana y al vagabundaje, para proveer a sus necesidades más inmediatas prefiere con frecuencia mendigar, o aplicarse a pequeñas raterías y a ingeniosas tretas, que someterse a la molesta tiranía de un trabajo fijo. (1997: 746)

Levando-se em consideração a descrição do pícaro que Alborg faz, percebe-se que Lázaro não se classifica como tal, pois existem alguns traços comuns entre Lazarillo e um pícaro que são a origem humilde, os pais pobres, trabalhar para muitos anos, praticar algumas trapaças, etc. No entanto, o fundamental para definir o pícaro que é a tendência à vagabundagem e a aversão ao trabalho não são características do personagem em questão.

Lazarillo é um trabalhador, ao longo da obra tem oito anos, comete algumas trapaças contra eles que são justificadas pela fome a que é submetido pelos próprios patrões. Assim, engana seus senhores para conseguir comida e deixa evidente que estes atos são praticados devido à realidade de miséria na qual está

inserido.

2 A ironia na obra

A forma como Lázaro conta a história é baseada no humor e na ironia. Entende-se por ironia um

procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, um processo de meta-referencialização, de estruturação do fragmentário e que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade e em discursos tidos como neutros. BRAIT (1996: 15)

A obra apresenta a ironia sob diversos ângulos: crítica à sociedade, à mesquinhez e à avareza, à sociedade que vive das aparências, à falsa religiosidade e à corrupção do clero, ao conformismo, à questão da honra, à passividade e à inocência.

O narrador protagonista de **Lazarillo** denuncia, assim, através do humor e da ironia, as falhas de caráter de uma sociedade dita honrada. A sua ascensão relatada na obra ocorre pela aproximação às pessoas mais influentes e desmascara a hipocrisia da sociedade à qual pertence. Lázaro se apresenta como portador de um projeto pessoal de ascensão social que lhe permita viver com tranquilidade em relação à sua subsistência, pois sua vida sempre foi de miséria e fome.

O leitor percebe que seus interesses estão mudando quando o protagonista decide largar o emprego de vendedor e comprar roupas. Seu interesse muda porque a fome está saciada e inicia, então, um processo de ascensão material. No tratado quarto do livro, pela primeira vez Lázaro recebe um par de sapatos, "los primeros zapatos que rompí en mi vida" (Anônimo, 1999: 69). No tratado sexto, o dinheiro que recebe é empregado não na alimentação, mas para se "vestir muy honradamente" (p. 82).

Isso explicita que, à medida que o tempo vai passando Lázaro vai crescendo e tornando-se parte da sociedade. Pela necessidade de garantir a sua própria sobrevivência finge ignorar os vícios desta sociedade, onde os membros mais influentes são os maiores transgressores,

pois não respeitam os valores que eles mesmos criaram.

A passagem "Huelgo de contar a Vuestra Merced estas niñerías, para mostrar cuánta virtud sea saber de los hombres subir siendo bajos, y dejarse bajar siendo altos cuánto vicio" (p. 17) denota a satisfação que o narrador protagonista tem em mostrar ao leitor de sua carta que "subiu na vida" honestamente. A palavra "niñerías" significa criancices e evidencia o senso crítico de Lázaro, pois este, desde criança demonstra a visão aguçada para perceber o que há por trás dos atos que presencia. Assim, os fatos contados vêm desde sua infância até o momento presente, evidenciando que os "vícios" presenciados no passado continuam os mesmos.

O trecho deixa claro que Lázaro se considera um vencedor e indica o seu conhecimento do quadro decadente em que a sociedade se encontra, onde homens poderosos são corrompidos pelo poder. Clérigos roubam, têm amantes, enganam os fiéis, fazem comércio nas igrejas, praticam atos condenáveis segundo o mandamento cristão. Prova que nem os religiosos são confiáveis, uma tentativa de desmistificar a igreja. Através da ironia que há em "subir siendo bajos" ele mostra que mesmo sendo originário de uma baixa camada social, cresce por esforço próprio, sem enganar aos outros.

Vendo-se sem perspectivas para ganhar a vida, a mãe de Lazarillo determinou "arrimarse a los buenos por ser uno de ellos" (p. 14), com a idéia de que convivendo com pessoas de classe mais elevada – "buenos" – ascenderia socialmente, o que foi um engano, pois continuou na mesma condição de quando chegou à cidade, ou seja, na miséria. Este trecho demonstra a ironia do narrador, pois coloca nas palavras da mulher a mentalidade de uma época funcionando, assim, como um exemplo de um costume do período de relacionar-se com pessoas influentes para conquistar um lugar na sociedade.

Lázaro exibe seu senso crítico no início da narrativa, quando fala do meio-irmão que tem medo ao ver a cor negra do pai, no trecho "¡Cuántos debe de haber en el mundo que huyen de otros porque no se veen a si mismos!" (p. 14). Assim, percebe-se que ao

presenciar uma situação em que não está envolvido o protagonista é capaz de julgá-la friamente e perceber que é uma ironia ter medo de alguém tão semelhante a si mesmo, como é o caso de pai e filho negros. Este trecho leva o leitor a pensar no Evangelho de São Mateus (capítulo 7, versículo 3), em que há um pensamento semelhante. Na passagem bíblica é desenvolvida a reflexão “Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção à trave que está no seu próprio olho?” (1991: 1246). Analisando a idéia de Lazarillo percebe-se que o negrinho crê ser diferente do que lhe causa medo, ou seja, o próprio pai.

Através da ironia do narrador protagonista o leitor toma conhecimento das diferentes formas de punição existentes no período. Lazarillo explica a “Vuestra Merced” que o amor motivou seu padrasto a roubar, dá a entender como o furto é uma prática comum, isto é, feito até pelas pessoas que por princípios deveriam condenar esta prática, como frades e clérigos. No ato de roubar, se explicita o contraste entre o que dizem e o que praticam as pessoas que representam a moral. Além disso, evidencia que a punição é injusta com o trabalhador e cega com os poderosos. O trecho que comprova isso é:

no nos maravillemos de un clérigo ni de un fraile porque el uno hurta de los pobres y el otro de casa para sus devotas y para ayuda de otro tanto quanto a un pobre esclavo el amor le animaba a esto. (p. 15)

Na narrativa aparece uma crítica à passividade e à inocência, que é exemplificada no início da trajetória de Lázaro junto ao cego. É o caso do episódio do touro, quando o cego incita Lázaro a encostar a cabeça no animal de pedra para ouvir um ruído e lhe bate contra a superfície dura. Lázaro até então era ingênuo, mas a partir deste momento, por advertência do cego e de consciência própria, decide ficar mais esperto para ser capaz de se defender. Lázaro não resolve ficar de olhos abertos para melhor servir a seu amo, mas porque “me cumple avivar el ojo y avisar, pues solo soy, y pensar como me sepa valer” (p. 17), ou seja, pensa no proveito próprio. Isso o torna diferente do herói dos romances de cavalaria, que tinha como base o pensamento na coletividade. No entanto, este posicionamento de Lázaro apresenta uma outra função que é a de

evidenciar a realidade do protagonista da picaresca, pois vivendo numa sociedade na qual não tem oportunidades, Lazarillo faz o que está ao seu alcance para sobreviver. Desse modo, muitas vezes é levado a cometer maus atos pelo seu instinto de sobrevivência, já que não praticá-los é entregar-se passivamente à morte.

Outro trecho que manifesta que a ingenuidade é algo negativo é quando Lázaro abandona o cego e para isso decide vingar-se de todos os castigos que recebeu do amo. Coloca sua vingança em prática e depois reflete sobre o comportamento do cego “Dios le cegó en aquella hora el entendimiento” (p. 29), ou seja, que o homem foi tolo e caiu na armadilha de Lazarillo. Assim a esperteza do anti-herói predomina e ele consegue enganar o amo, que anteriormente tinha-o nas mãos.

O narrador aponta através da ironia “escapé del trueno y di con el relámpago” (p. 31), que não conseguiu escapar da vida que levava, a fome que passava ao lado do cego era pequena comparada a que se seguiria. Ao abandonar o cego que lhe negava comida, foi dar com o clérigo, homem mesquinho, que gostava de aparentar que era bom, mas que desprezava Lázaro. O clérigo quando tinha alguém por perto dava a Lazarillo a chave da despensa, “como si debajo de ella estuvieran todas las conservas de Valencia” (p. 32), mas só havia cebolas. Através das suas afirmações, Lazarillo revelava a mesquinhez do clérigo, como na passagem “pues ya que conmigo tenía poca caridad, consigo usaba más” (p. 32), ou seja, o homem lhe dava pouca comida, mas se alimentava muito bem, caracterizando o egoísmo. Ao dar um osso roído a Lazarillo, dizia: “toma, come, triunfa, que para ti es el mundo. ¡Mejor vida tienes que el Papa” (p. 32). Os trechos destacados neste parágrafo indicam uma contradição entre os atos clericais e a conduta que um religioso deveria pregar e a ironia das palavras de Lázaro denunciavam isso.

Lazarillo de Tormes utiliza a ironia para criticar a sociedade que vivia de aparências: quando encontrou o escudeiro “Seguíle, dando gracias a Dios por lo que le oí, y también que me parecia, según su hábito y continente, ser el que yo había menester” (p. 47). Pela vestimenta do escudeiro, Lázaro acreditou que era um homem rico, mas na verdade, aquilo era só uma imagem, bem diferente da realidade que o

homem vivia.

Há uma ironia presente ao longo do discurso do narrador, pois quando se refere aos hábitos do escudeiro, mostra a opinião do mesmo sobre a alimentação. Em um trecho mais adiante, mostra que o escudeiro se contradiz, pois entre o que ele tem por princípio e a prática há uma grande distância.

Virtud es ésa – dijo él – y por esto te querré yo más. Porque el hartar es de los puercos y el comer regladamente es de los hombres de bien. (p.49)

(...)

Póngole en las uñas la otra y tres o cuatro raciones de pan de lo mas blanco y asentoseme al lado y comienza a comer como aquel que lo había gana, royendo cada huesecillo de aquellos mejor que un galgo suyo lo hiciera (p. 57)

Os trechos mencionados evidenciam a ironia da situação que leva o escudeiro a deixar os princípios de lado e agir como um animal, pois na hora que tem algo comestível disponível, não importa mais as boas maneiras, o que interessa é saciar a fome.

Ainda assim, por orgulho, o escudeiro tem motivos para tentar manter uma bela imagem, é um fidalgo, e acha vergonhoso depender dos outros ou andar esfarrapado. Sem entender isto, Lázaro, com toda ironia, fala: “¡Oh, señor, y cuántos de aquestos débeis vos tener por el mundo derramados, que padescen por la negra que llaman honra lo que por Vos no sufrirán!” (p. 53). A reflexão de Lázaro representa uma crítica às pessoas que vivem de aparências e que para manter a imagem que criaram se permitem até mesmo morrer de fome.

Do modo como está disposto o texto, há uma distinção entre o discurso de Lázaro quando criança e depois ao narrar os fatos de sua juventude. No início da narrativa, o anti-herói tem uma visão crítica com seus semelhantes, mas sobre si não percebe os fatos. Ele se conforma em viver na miséria por medo de ir trabalhar com um amo pior e, no final da narrativa, Lázaro fecha os olhos para uma suposta traição para se manter numa posição diferente da que começou, já inserido na sociedade.

3 O humor na obra

O humor é encontrado em vários momentos. O protagonista Lázaro parece utilizar este recurso espontaneamente, pois mostra muita ingenuidade nos casos que conta. O humor se apresenta fundido a diversas situações ou sentimentos que o protagonista vive ou sente.

A fome é o principal gerador de humor na obra, pois a força motriz de Lázaro é esta. Como vive em situação adversa, as picardias que comete para com o cego são frutos da necessidade de saciar algo primordial para o ser humano: a fome.

“Yo fui por el vino, con el cual no tardé en despachar la longaniza; y cuando vine, hallé al pecador del ciego que tenía entre dos rebanadas apretado el nabo, al cual aún no había conocido por no lo haber tentado con la mano. Como tomase las rebanadas y mordiese en ellas, pensando también llevar parte la longaniza, hallose en frío con el frío nabo”. (p. 26)

Com o clérigo Lázaro dizia: “me era la luz el hambre” (p. 39), o que demonstra que esta necessidade levava-o a lutar por comida e enganar o amo.

No caso do escudeiro, Lázaro tinha que sustentá-lo. Enquanto o escudeiro dava atenção à espada que cortava tão bem, ele fazia comparação com seus dentes que não eram de aço, mas cortariam até um pão de quatro libras.

A forma como o vocabulário está organizado e a escolha do mesmo dá a vários trechos da obra um efeito de humor mesmo que o objetivo não seja este. Percebe-se isso em trechos onde a tragicidade predomina e ainda assim apresentam uma conotação de humor.

A descrição da fome é cômica e exagerada. Por fazer picardias para conseguir comida, Lázaro é castigado. A punição por cometer tais atos é sempre violenta. O humor neste ponto apresenta-se como um recurso para tornar menos dramática a violência. A maneira de o personagem sentir o castigo e superá-los se dá em função da vontade de manter-se vivo, pois isso é o que importa a Lazarillo. A linguagem é exagerada, provocando o riso e permitindo que o leitor se deleite, mas não sinta

pena.

“Fue tal el golpecillo que me dasatinó y sacó de sentido, y el jarrazo tan grande, que los pedazos de él se me metieron por la cara, rompiéndomela por muchas partes, y me quebró los dientes, sin los cuales hasta hoy día me quedé”. (p. 21)

Os golpes quase sempre lhe causam danos graves, como a perda dos dentes e da consciência. O leitor acha graça na maneira como ele é punido porque a descrição é tão detalhada que permite visualizar a cena, mas deve notar o que há por trás disto: uma covardia de pessoas que se julgam superiores quando muitas vezes estão na mesma condição de Lázaro.

O humor oriundo das situações pícaras mostra os artifícios que Lázaro trama para saciar a fome. Engana os amos e sempre consegue o que quer, mas seu final não é feliz.

“Muchas veces de un lado del fardel descosía y tornaba a coser, sangraba el avariento fardel, sacando no por tasa pan, mas buenos pedazos de torreznos y longaniza”. (p. 18)

O humor e a religiosidade se fundem quando Lázaro pede a Deus certos favores. Implora para que as coisas ocorram da maneira que ele deseja, usa o nome de Deus para pedir comida e a punição dos seus agressores.

“Dios me perdone, que jamás fui enemigo de la naturaleza humana sino entonces; y esto era porque comíamos bien y me hartaban. Deseaba a Dios que cada día matase el suyo”. (p. 33)

(...)

“Yo, por consolarme abro el arca, y como vi el pan, comiéndolo a adorar, no osando recibillo” (p. 36)

(...)

“Otra cosa hacía, en viéndome solo, sino abrir y cerrar el arca y contemplar en aquella cara de Dios” (p. 37)

(...)

“Con baja y enferma voz e inclinadas mis manos en los senos, puesto Dios ante mis ojos y la lengua en su nombre, comienzo a pedir por pan a las puertas y casas más grandes que parecía”. (p. 54)

(...)

“Nuevas malas te dé Dios”. (p. 36)

O protagonista apela para Deus como uma forma de não perder a esperança, já que vive numa sociedade para a qual não significa nada.

A maneira como Lázaro pratica a vingança torna a situação cômica. Ele crê que é a coisa mais correta contra alguém que lhe provoca tantas dores e ridicularizações em público.

“Ya que estuve médio bueno de mi negra trepa y cardenales, considerando que, a poco golpe lates, el cruel ciego ahorraría de mí, quise yo ahorrar de él”. (p. 21)

(...)

“¿Cómo, y olisteis la longaniza y no el poste?” (p. 30)

A vingança é o resultado da esperteza que a fome lhe dá. Viver numa situação em que a necessidade mais básica não é saciada força Lazarillo a ser esperto para sobreviver, mesmo que isso acarrete um castigo e o desejo de vingança dentro de si.

O medo de Lázaro é algo cômico. Ele tem muitos medos que relata a “Vuestra merced”:

“Yo hube miedo que com aquellas diligencias no me topase com la llave, que debajo de las pajas tenía, y parecióme lo más seguro metella de noche en la boca” (p. 42)

(...)

“Marido y señor mío ¿Adónde os me llevan? A la casa triste y desdichada, a la casa lóbrega y oscura, a la casa donde nunca comen ni beben!” (p. 61)

CONCLUSÃO

No final da obra, Lázaro relata a sua trajetória como vitoriosa - “llegado a buen puerto” -, mas a ironia presente neste trecho encontra-se na situação com a qual o leitor se depara logo adiante, pois o protagonista aceita o suposto adultério da sua mulher para manter-se no emprego e viver com mais tranquilidade. Esta ironia demonstra o aprendizado de Lázaro ao longo de sua vida na sociedade, já que o personagem se modifica por meio das experiências que teve e pelas condições precárias de existência.

O leitor deve estar atento para entender o que há nas entrelinhas do que é relatado por Lázaro. Se o leitor decodifica o que é dito na obra, através das palavras do protagonista, transforma-se em um cúmplice deste, assim como “vuestra merced”. Por isso, é possível inferir que o leitor e “vuestra merced” sejam a mesma pessoa e que a intenção do personagem é denunciar a hipocrisia de uma sociedade que trai seus princípios morais. Encontra-se aí a ironia que carrega em si a função de revelar a falsidade dos princípios morais, que são criados para não serem cumpridos. Através das ironias, encontradas nas palavras do personagem, os valores sociais pregados são desmentidos pelas ações dos amos de Lázaro.

As críticas construídas através da ironia e do humor são o meio de revelar e ridicularizar a realidade da época, mostrando cenas da intimidade desta sociedade. Por isso, a posição de Alborg é de que a picaresca concentra algo de trágico:

“Hay quizá por eso mismo algo de trágico en toda la novela picaresca, que el ingenio y la gracia del pícaro no pueden borrar. Por debajo de sus gracias y de sus burlas, de sus tretas y de sus mañas, se ve siempre descubrirse un fondo negro y triste, que la sombra del hambre hace aún más negro y más triste”. (1997: 756)

Para não passar fome novamente, Lázaro prefere fechar os olhos para as suspeitas e evidências, comprovando que na sociedade que fazia parte a única maneira que encontrou de sobreviver foi se adequar ao modo de vida dos mais influentes. Como a questão da honra para o protagonista era algo que não significava nada, ao conseguir a vida tranqüila que sempre desejou, ela se tornou totalmente desnecessária, pois obrigaria a voltar à situação de miséria da qual partiu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORG, Juan Luis. *La novela picaresca. El Lazarillo de Tormes*. In: **Historia de la literatura española**. Madrid: Gredos, 1997.

Anónimo. *La vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades*. Madrid: Melsa, 1999.

Bíblia Sagrada. São Paulo: Paulus, 1991.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2000.

NOTA

© Trabalho resultante da disciplina Literatura Espanhola, orientado pela professora Dr^a. Teresa Cabanas Mayoral, do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM, e desenvolvido pela aluna do 6º semestre do Curso de Letras – Espanhol da UFSM, Geice Peres Nunes.